

UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

COSTA, Efigênia Maria Dias¹
MONTENEGRO, Fabrícia Sousa²
NEVES, Elidiana Oliveira das³
SANTOS, Jefferson Silva de Barros⁴
SILVA, Luiz Eduardo Paulino da⁵

Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias/ Departamento de Educação/ PROBEX.

RESUMO

O desenvolvimento da prática docente nas instituições de educação infantil requer um olhar cuidadoso e atencioso, já que diz de uma ação pedagógica/educativa cotidiana para crianças de 0 a 5 anos de idade. Logo, faz-se necessário pensar os vários aspectos que corroboram para o bom desempenho do fazer docente, desde a formação/qualificação profissional para o exercício da docência à organização do trabalho pedagógico propriamente dito. Esse foi um dos objetivos principais que o Projeto de Extensão “Fortalecendo a formação de professoras da primeira infância” tentou desenvolver e atingir na Creche Pd. Geraldo, no município de Solânea-PB. Como metodologia de trabalho, fizemos uso das aulas expositivas, realização de palestras, oficinas, dinâmicas de grupo e debates. Os pilares de sustentação de nossa ação foram baseados no estudo, pesquisa e prática, que muito nos tem fez refletir sobre os resultados obtidos com a nossa presença na Instituição. Alguns avanços foram visíveis: professoras bem mais informados e cientes da razão de seu trabalho na Creche; planejamento das práticas pedagógicas cotidianas; melhor desenvolvimento na aprendizagem das crianças. Logo, percebe-se a importância de uma formação docente que colabore no processo de superação e transformação das práticas pedagógicas no chão da educação infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Formação, Docência, Infância.

¹ Prof^a. orientadora/UFPB – efigeniamdc@yahoo.com.br

² Prof^a. colaboradora/UFPB – fabriciamontenegro@yahoo.com.br

³ Discente bolsista/UFPB – elidiana.bn@gmail.com

⁴ Discente colaborador/UFPB – jeffersonguerras@hotmail.com

⁵ Discente colaborador/UFPB – eduardops25@hotmail.com

PRIMEIRAS PALAVRAS

Inicialmente, gostaríamos de destacar que vemos a discussão em torno da questão da formação/qualificação de professores/as não apenas relacionada à configuração do contexto político-econômico social e cultural da sociedade contemporânea, mas, principalmente, pela própria condição e compreensão de seres inacabados que somos, ou seja, a necessidade inerente de todo SER humano de conhecimento e, conseqüentemente de crescimento e emancipação (Freire, 1996).

No nosso entendimento, a formação de qualquer profissional deve perpassar os limites e exigências legais do mundo atual – tecnologia, informação, comunicação, mercado, capital, consumo etc. No caso específico do/a professor/a, um/a profissional diferenciado dos demais, especialmente por lidar com gente e evidentemente ser o/a responsável pela educação de pessoas. Portanto, o desafio posto a esse/a profissional é grande, e ainda mais quando se trata de uma educação para crianças pequenas, aquelas as quais imprimimos as primeiras marcas do saber escolar. Nesse sentido, vale recorrer a Arroyo, quando tão brilhantemente diz que:

Pela própria experiência humana, pelo convívio com filhos (as), netos(as), na família, pela proximidade com a infância nas salas de aula sabemos que ninguém nasce feito. Nos fazemos, nos tornamos gente. – “Virou gente”! – falamos com orgulho de um filho, crescido e criado. Não nascemos humanos, nos fazemos. Aprendemos a ser. Todos passamos por longos processos de aprendizagem humana. Se preferirmos, toda criança nasce humana, mas isso não basta: temos que aprender a sê-lo. Podemos acertar ou fracassar. Nessa aprendizagem também há sucesso e fracasso (2000, p. 53).

Assim sendo, a formação docente não pode ser vista apenas como um processo de acumulação de conhecimento de forma estática, como cursos, teorias, leituras e técnicas, mas sim como a contínua reconstrução da identidade pessoal e profissional do/a professor/a. Esse processo deve estar vinculado à concepção e à análise dos contextos sociais e culturais, produzindo um conjunto de valores, saberes e atitudes encontradas nas próprias experiências e vivências pessoais, as quais imprimem significados ao fazer educativo.

O direcionamento que damos ao nosso SER professor/a diz muito do trabalho que realizamos junto às crianças. Se reconhecemos nossas limitações e nos permitimos aprender a cada dia, possivelmente tendemos a desenvolver uma prática docente eficiente e digna que realmente colabora no e para o crescimento dos/as cidadãos/ãs pequenos/as. Por outro lado, se acreditamos saber muito e expressamos a não necessidade da busca constante pelo conhecimento, infelizmente assumimos o

descompromisso não só com a profissão, mas com muitas vidas que passam em nossas mãos.

A ação docente, portanto, precisa ser permeada de um sólido saber teórico e consolidada na prática cotidiana através do desejo/vontade de mudança, mudança essa que se faz presente na inovação e transformação do ato meramente pedagógico e burocrático para o ato essencialmente humano de ensinar e aprender e aprender e ensinar. Foi com esse olhar que desenvolvemos o Projeto de Extensão junto às professoras da Creche Pd. Geraldo.

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO: UMA CONQUISTA

A prática da organização pedagógica de uma jornada diária nas instituições de educação infantil é de fundamental importância para que a criança se sinta segura no lugar onde está e sobre o que vai fazer, ainda constituindo-se uma forma de oportunizar a construção das noções temporais e de outros aspectos relacionados ao conhecimento e forma de atuação da criança no mundo.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil – RCNEI as sequências de atividades auxiliam no processo de construção da identidade e na conquista da autonomia das crianças. No mesmo documento, encontramos ainda a seguinte afirmação:

Todas as atividades permanentes do grupo contribuem, de forma direta ou indireta, para a construção da identidade e o desenvolvimento da autonomia, uma vez que são competências que perpassam todas as vivências das crianças. Algumas delas, como a roda de conversas e o faz-de-conta, porém, constituem-se situações privilegiadas para a explicitação das características pessoais, para a expressão dos sentimentos, emoções, conhecimentos, dúvidas e hipóteses quando as crianças conversam entre si e assumem diferentes personagens nas brincadeiras (BRASIL, 1998, p. 62).

Portanto, um princípio fundamental a ser considerado pelo/a professor/a da educação infantil é o de que a jornada diária deve ser estruturada de acordo com a realidade e as características de sua turma atentamente observadas. Assim, diz Barbosa:

Para dispor tais atividades no tempo é fundamental organizá-las tendo presentes às necessidades biológicas das crianças como as relacionadas ao repouso, à alimentação, à higiene e à sua faixa etária; as necessidades psicológicas, que se referem às diferenças individuais, como por exemplo, o tempo e o ritmo que cada uma necessita para realizar as tarefas propostas; as necessidades sociais e históricas que dizem respeito à cultura e ao estilo de vida, como as comemorações significativas para a comunidade onde se insere a escola e também as formas de organização institucional de cada escola infantil. Enfim, o

que é mais adequado propormos para crianças maiores e menores (2000, p. 68).

Nesse sentido, o/a professor/a deve sempre levar em consideração as características da faixa etária do grupo e as características do grupo de crianças com a qual está trabalhando.

Para que a constituição da jornada diária seja utilizada de forma positiva, a fim de concretamente auxiliar o desenvolvimento integral da criança, o/a professor/a deve oferecer sistematicamente atividades diversificadas e ainda oportunizar que as crianças opinem sobre as atividades que serão realizadas durante o dia, como também no uso dos materiais a serem explorados.

As atividades permanentes realizadas pelas crianças passam a ter maior visibilidade e destaque dentro da ótica infantil no momento em que estas conseguem e têm oportunidade de realizar sozinhas atividades e ações para as quais já possuem competências, mas que muitas vezes o/a professor/a não lhes permite realizar por acreditar que ainda não conseguem, ou que fica mais organizado e rápido ela mesma fazer. Um exemplo prático deste tipo de situação está relacionado à arrumação da sala e dos brinquedos utilizados pela criança. No RCNEI encontramos:

Considerar um tempo ao final de cada atividade dedicado para a arrumação é uma boa oportunidade para que elas possam de um lado, aprender a cooperar e perceber que a arrumação é algo da responsabilidade de todos. De outro lado, essa atividade pode permitir que elas percebam que são capazes de realizar ações de forma independente, como guardar materiais, brinquedos, varrer a sala, jogar restos de papel no lixo, devolver materiais que foram tomados emprestados de outras salas ou locais da instituição etc. É bastante provável que no início o professor tenha de apoiar e supervisionar a ação das crianças. A arrumação gasta tempo, por isso deve ser considerada uma atividade em si e, como tal, ser planejada. Pode ser feito um quadro em que as tarefas de cada um no momento de arrumação são marcadas, de forma que todas as crianças saibam qual a sua tarefa daquele dia e possam, além disso, conferir que todos irão experimentar todas as modalidades (BRASIL. 2, 1998, p. 63).

Assim como no momento de arrumar a sala de aula, a criança já tem condição de atuar e compreender seu envolvimento com o meio no qual está inserida, existem outras tantas situações passíveis de atitudes de cooperação e independência, cabendo ao/a professor/a, então, organizar e oportunizar tais momentos. A possibilidade de poderem se organizar e transitar dentro do espaço escolar, de acordo com uma ordem de atividades e combinações estabelecidas pelos alunos e professor/a, traz consigo a concepção de criança como sujeito social e cultural, que dentro de suas potencialidades

tem condições de opinar e participar ativamente do cotidiano escolar, ou seja, ser sujeito de sua própria aprendizagem.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Com a realização do projeto foi possível depreender que a educação para a infância não pode perder de vista os reais envolvidos nesse processo: as crianças, pessoas em desenvolvimento, capazes de expressar sua palavra, seu pensamento e seu desejo para a sociedade que as cerca, quando esta não se torna surda, mas troca o princípio da ordem, da reprodução e do silêncio pelo ruído do movimento, das interações e do diálogo essenciais à vida e fundamentais para a construção do projeto de pessoa que se deseja.

Como observa Paulo Freire (1987), para que o ser humano faça a história e não seja levado por ela e se torne partícipe ativo e criador nos períodos de transição, é preciso que se eduque não para a domesticação ou escravidão, mas para a libertação. Desse modo, o aprendizado da participação nas instituições de educação infantil será certamente transferido para as situações da vida adulta como governante ou como governado. A ação docente pode ter muito ou pouco a ver com isso. Ao longo do projeto, as professoras da Creche e o grupo extensionista conseguiram construir essa consciência.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARBOSA, Maria Carmem S.; HORN, Maria da Graça. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. IN CRAYDI, Carmem,; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. Educação infantil: pra que te quero? Porto alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.